



**Primeira intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão em homenagem ao ex-presidente da Argentina Néstor Kirchner e sessão plenária da XX Cúpula Ibero-Americana**

**Mar Del Plata-Argentina, 04 de dezembro de 2010**

Querida presidenta Cristina,  
Sua Majestade rei Juan Carlos,  
Companheiros Chefes de Estado e de Governo,  
Meus amigos da América Latina,

Nos oito anos do meu mandato, cinco anos eu convivi com o presidente Kirchner. Eu não creio que tenha acontecido, em algum outro momento da história nas relações Brasil e Argentina, um dinamismo tão extraordinário como Kirchner e eu impusemos à Argentina e ao Brasil.

Eu tive a sorte de conhecer o Kirchner quando era uma vaga esperança de ser candidato a presidente da República da Argentina. Diziam até que a Argentina iria eleger um candidato a presidente que tinha vindo muito poucas vezes a Buenos Aires, e Kirchner foi me visitar ainda como candidato; tiramos uma foto; ele me deu uma camisa do seu time de futebol aqui na Argentina, e passamos a travar uma relação, eu diria, respeitosa, mas, ao mesmo tempo, muito forte, para mudar o comportamento dos nossos empresários, para mudar o comportamento dos nossos diplomatas, porque havia muita, muita divergência entre Brasil e Argentina, eu diria, quase que muita disputa entre Brasil e Argentina. E eu acho que nós conseguimos vencer, conseguimos vencer, e eu acho que o Kirchner foi fundamental, primeiro, para que a gente recuperasse o Mercosul e derrotássemos, definitivamente, a ideia da Alca na nossa América do Sul. Kirchner foi fundamental para a gente criar a Unasul, estabelecer uma relação de confiança entre nós, muitas vezes, quando



tínhamos divergências, possivelmente, até pela pouca experiência que cada um de nós tinha na Presidência – o Hugo [Chávez] era o mais velho de todos nós e, nem sempre, ele era o mais conciliador – e, muitas vezes, o Kirchner funcionava como o conciliador das divergências que nós tínhamos.

Eu lembro da reunião histórica que nós fizemos, aqui em Mar Del Plata, da Cúpula das Américas. Eu lembro da importância que o Kirchner deu para que a gente construísse o Banco do Sul, que ainda não foi aprovado em vários países, e, sobretudo, eu lembro do que o Kirchner fez com a economia Argentina. Eu acho que da mesma forma que coube a mim recuperar a autoestima do povo brasileiro, voltar a fazer o povo brasileiro gostar do Brasil, eu acho que Kirchner conseguiu fazer na Argentina. Era o Maradona no futebol e o Kirchner na política, ou seja, era quase que unanimidade e, mesmo aqueles que não gostavam, tinham que respeitar a ousadia.

Eu lembro, Cristina, quantas vezes, em debates econômicos pelo mundo afora, as pessoas diziam: “A Argentina não vai dar certo, a Argentina não vai dar certo, a Argentina não vai dar certo. O Kirchner não vai dar certo”, e, cada ano que passava, a Argentina crescia um pouco mais, a economia se recuperava um pouco mais. E mesmo quando parecia, às vezes, que o Kirchner estava divergindo do Brasil, porque defendia a necessidade de fortalecimento da indústria da Argentina, eu compreendia perfeitamente bem que ele tinha razão de fazer isso, porque a Argentina tinha tido a sua economia debilitada de forma irresponsável por governantes que, no passado, acharam que o mercado iria resolver o problema da América do Sul e da Argentina, e que a dolarização da economia iria resolver o problema da Argentina. Coube ao Kirchner recuperar a Argentina. Falo isso de coração que, não sei se uma outra pessoa, que não tivesse a teimosia, a ousadia, a coragem do Kirchner, eu não sei se conseguiria recuperar a economia argentina com a rapidez que ele recuperou; enfrentando o mercado, enfrentando o FMI, enfrentando os analistas europeus – que sabiam tudo quando a crise era na América Latina, e



que não sabem nada quando a crise se deu nos países ricos – e hoje ele consegue, depois de tudo, provar, com a eleição da Cristina, que ele estava certo – e o povo deu um voto de confiança – e a Cristina certamente, está dando continuidade, enfrentando as mesmas adversidades, mas a Argentina continua crescendo, a Argentina continua melhorando a vida do seu povo.

Portanto, Cristina, eu quero que você saiba – esta é minha última reunião ibero-americana –, eu quero que você saiba que eu guardarei para sempre recordação da mais extraordinária amizade que eu fiz com o governo argentino, que tem continuidade com você, e eu acho que, finalmente, graças a Deus, por conta do Kirchner e por conta de você, nós descobrimos que Brasil e Argentina têm que estarem juntos, que não somos adversários, que nós somos parceiros e que juntos poderemos ajudar muito mais. A recordação que eu guardo do Kirchner é a recordação não de um Presidente, mas de um companheiro de todas as horas. Quando eu estava em crise, no Brasil, em 2005, a cada 15 dias, o Kirchner ligava para saber como é que estava a situação política no Brasil.

Então, eu acho que o Kirchner foi um (incompreensível). O povo argentino, na morte dele, quando eu vim participar do velório, eu senti que aquela comoção em Buenos Aires, aquele carinho com que o povo argentino tratava você, era metade por você e metade pelo companheiro Kirchner, que eles tinham perdido.

Eu acho que o Kirchner morreu porque viveu demais a política, discutia demais a política e ele não se preocupava em cuidar da sua própria saúde. Eu acho que a Argentina pode ser medida... Antes, era “antes de Perón e depois de Perón”, e agora vai ser “antes dos Kirchner e depois dos Kirchner”, porque não bastou um Néstor Kirchner, precisou vir a Cristina para complementar a obra que o Kirchner começou.

Eu sei que ele está... Eu acredito em outra vida, Cristina, e eu acho que o Kirchner está nos olhando agora, e pode ficar certa que, nos momentos mais



difíceis, ele estará ao seu lado para que você consiga, como ele, vencer todas as adversidades, sobretudo, porque você é mulher. E a mulher paga em dobro todo preconceito, toda ira. Eu senti isso agora, na eleição brasileira, o que é o preconceito contra a mulher. Você esteja certa, querida companheira Cristina, que esteja eu onde estiver, da mesma forma que eu recebi solidariedade de vocês, eu continuarei solidário. E esteja certa que o Brasil e a Argentina – com você e com a Dilma – vão fazer uma parceria, certamente, melhor do que eu e o Kirchner fizemos.

Parabéns ao companheiro Kirchner, e que o povo argentino continue admirando o seu mais extraordinário presidente, que recuperou a dignidade e a autoestima do povo argentino.

Obrigado, Cristina.